



EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS ESPECIAIS

Dentre as discussões recorrentes do século passado, ganhou certo destaque a Educação Especial, que já tinha, em alguns países, a atenção dos governantes e educadores. Mas um dos marcos mais importantes desta área foi a Declaração de Salamanca, em 1994, na Espanha, que inspirou esse debate a nível global. Sua influência aparece, no Brasil, em 1996, quando foi declarada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em cujo capítulo V, artigo 58, define-se a educação especial e indica sua obrigatoriedade nas escolas. Vale lembrar que já existia comoção acerca do tema, mas era repleta de preconceitos e paradigmas que, ainda hoje, são obstáculos para seu avanço, afinal as pessoas portadoras de deficiência eram vistas como inválidas e incapazes de participar ativamente da sociedade. Este é um pensamento que ainda não morreu por completo.

A trajetória da defesa da inclusão não parou por aí. Em dezembro de 1999, foi feito um decreto no qual se asseguram os direitos individuais e sociais para as pessoas portadoras de deficiência, tais como acesso, ingresso e permanência de serviços coletivos e a criação de setores para garantir atendimento adequado. Em seguida, em dezembro do ano 2000, foi sancionada a lei Nº 10.098 que promove a adaptação de vias públicas para a acessibilidade desses indivíduos. Partes de todo o planeta se voltaram a esse debate. Inclusive, houve, em outubro de 2001, uma Convenção da Organização dos Estados Americanos para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência que procurava impactar os segmentos da sociedade em busca da inclusão e assegurar os direitos individuais de todos. Em setembro do mesmo ano, saiu a Resolução Nº2 que prevê, a partir da avaliação diagnóstica dessa necessidade, o acompanhamento escolar desde a educação infantil, preservando, assim, o acesso à escolarização para essas crianças. Assim como as mencionadas, outras medidas inclusivas vêm sendo adotadas em defesa desta causa.

Nosso atual cenário de crise, causado pela pandemia da Covid-19, nos obrigou a isolar-nos do âmbito social, “desacobertando” algo que já tínhamos ciência: as disparida-

des sociais. Para uma geração que vem sendo marcada pela quebra de alguns paradigmas e revoluções sociais que denunciam os preconceitos existentes na sociedade, ainda há muito trabalho a ser feito.

É fato que a educação regular vem sofrendo os efeitos desta situação. Tanto pela falta de acesso à tecnologia, quanto pela dificuldade em estudar fora do ambiente escolar ao qual os alunos estavam habituados. Para Quêzia Castro, Diretora do Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado Jean Piaget da Secretaria de Educação do município de Poá - SP, os alunos da rede contemplados pelo atendimento especializado também sofrem os impactos causados pelo distanciamento social. Entretanto, ela afirma que o maior obstáculo para essa área é a subestimação da capacidade desses estudantes por parte de suas próprias famílias. Além disso, a dificuldade de comunicação entre os diferentes setores que os atendem, como Educação e Saúde, por exemplo, não permite pleno avanço no acompanhamento do seu desenvolvimento. Ela acredita, ainda, que as evoluções no campo da tecnologia alavancuem as oportunidades do trabalho do desenvolvimento de habilidades para que esse público tenha mais autonomia.

A professora especialista da área Claudia Valéria, neuropsicopedagoga responsável pelos alunos de inclusão do Ensino Fundamental II na EMEB Estância hidromineral de Poá, afirma que sua maior dificuldade, nessa pandemia, é auxiliar os professores na adequação das atividades propostas de forma que possa alcançar o aluno, pois seu trabalho é realizado de maneira colaborativa e não individual. Cada aluno possui suas particularidades e os alunos especiais, em específico, carregam características de aprendizado e desenvolvimento diferenciadas que requerem maior atenção. Ela defende, contudo, que eles devem estar incluídos em suas respectivas turmas, tendo acesso aos mesmos conteúdos propostos: “isto é inclusão”, afirma, “e o meu papel é adequar as atividades que os professores propõem para as turmas, de acordo com o PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) de cada aluno, fazendo essa articulação do aluno com o professor, porque é difícil, por conta da pandemia, o professor ter contato com o aluno. Acabo promovendo esse

feedback”. Neste período atípico, ela depende do retorno dos familiares ou responsáveis para realizar o parâmetro das rotinas de estudo dos alunos, que são essenciais nestes casos e, na sua falta, pode retroceder seu aprendizado, influenciando em seu comportamento. A rotina e o contato com o material oferecido são elementos imprescindíveis para o seu retorno às aulas presenciais. “No meu trabalho, enquanto atuo com a inclusão e a igualdade, seria hipócrita da minha parte achar que apenas os alunos laudados são de inclusão. Todos nós, seres humanos, neste momento, somos alvos de inclusão. Eu procuro auxiliar a equipe gestora a atender alunos que não conseguiram e que não conseguem se enquadrar nesse sistema de ensino que foi implantado subitamente”, adiciona a especialista.

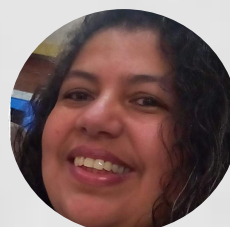
Portanto, neste momento, as múltiplas desigualdades que podem incidir sobre o sujeito se fazem presentes, mais do que nunca, levando a gente a refletir sobre nossos ideais democráticos na prática. Uma vez que as pessoas com necessidades especiais fazem parte de nossa sociedade e, por vezes, são deixadas de lado, encontramos mais um setor não atendido em decisões coletivas. O acesso aos avanços tecnológicos, no que diz respeito às máquinas de auxílio, seria um agente facilitador de inclusão e, no entanto, apresenta-se com altos custos, excluindo grande parte da população. Durante a pandemia, o uso da internet e de computadores fez-se necessário, mas muitas famílias não têm condições de adquirir tais aparatos. É preciso repensar nossas políticas que garantem o acesso aos avanços, de maneira geral, para todos os setores da sociedade, de forma a torná-la mais justa e igualitária.

[1]

Entrevistadas



Quêzia Castro
Diretora do NAPES
- Poá, SP
napesjeanpiaget@hotmail.com



Claudia Valéria
Neuropsicopedagoga
claudiaaee@gmail.com

Bruna de Souza
3º de ADM integrado
IFSP - Campus Suzano

EDITORIAL

O DERRETIMENTO DA EMPATIA [2]

Nesta pandemia, pudemos vivenciar concepções de mundo diferentes, enquanto em alguns lugares, ou momentos, tivemos acenos de solidariedade, empatia e cuidado com o próximo, em outros observamos minimização dos problemas ou descaso com o cuidado consigo e com o outro, principalmente nessas terras tropicais. As duas situações podem nos causar estranhamento, a primeira porque é incomum (para não dizer exótico) que o mundo, em algum momento, opte por preservar a vida. A segunda porque o descaso com a vida não coaduna com a suposta religiosidade do povo brasileiro.

A relutância infantil que algumas pessoas demonstram ao não colocarem máscaras para sair de casa escancara o derretimento da empatia de um sistema que usa e abusa do individualismo e do egocentrismo como ferramenta do dinheiro e do poder. A máscara, nesse momento, é uma barreira de proteção para o outro. Não usar a máscara ao sair de casa, ao contrário do que prega o discurso individualista, não é problema de quem não as usa, mas um risco que a pessoa leva para os outros.

O “salvem-se quem puder” que a falta de organização e de ações coordenadas no combate ao vírus promoveu em lugares como México, EUA e Brasil, potencializou o que chamamos de derretimento da empatia. Vimos manifestações fazendo pouco caso das mortes causadas pela doença, brigas causadas por adultos infantilizadas que não queriam respeitar protocolos de distanciamento e restrição de acesso a ambientes de uso coletivo, entre outros. Mas o que mais assusta de todo esse amontoado de fatos ególatras, é a ameaça de morte sofrida pelo Padre Júlio Lancelotti.

Essa ameaça assusta por ser o Brasil um país de maioria cristã, e, ao que nos consta, Jesus em seus ensinamentos sempre acolheu os necessitados, logo, alguém que devotou sua vida ao próximo, como Lancelotti (o cavaleiro que desafia Arthur, embora na Moóca tenha sido o contrário), não deveria gerar sentimentos de negativos nas pessoas, mas imaginar que todos queiram promover o bem, a paz e a justiça social seria ingenuidade e falta de conhecimento histórico e não podemos ser ingênuos.

Por isso, o editorial dessa edição vem como forma de homenagear essa figura, não por ser um padre, ou por sua religião, mas pelo lado humano que ele possui e pelas suas ações que devem inspirar antes de ameaçar!

Não sabemos, mas a empatia deve uma ferramenta das mais importantes na luta por um mundo melhor.

O Pasquif

LÚCIDOS

CRONOLOGIA DE UMA DOENÇA: O DESCASO A ALGUMAS VIDAS

Por que ficamos presos em casa entre março e abril de 2020? Como estavam os números de casos e fatalidades desse ser desconhecido de nome incomum? Esse vírus deve se achar mesmo o rei: usa coroa e ordenou ao mundo um cuidado coordenado jamais visto! Todo dia recebíamos assustados os números de casos e mortes na Itália, eram dezenas de mortes e centenas de casos, depois centenas de mortes e milhares de casos. Os hospitais não davam conta e aquilo assustava.

Era questão de tempo chegar até aqui, melhor nos precavermos. Assustava tanto que logo após um carnaval de sucesso, com direito a blocos de milhões e sorteio de casa popular no litoral, o governador do estado mais pujante da nação decidiu que deveríamos ficar em casa. Um susto!

Não é mesmo que o homem que mandou atirar jatos de água fria em moradores de rua e determinou a demolição de uma casa ocupada no centro da cidade com gente dentro? Havia, agora, ganhado uma dose de humanidade? Seria possível? As mortes continuavam aumentando e, como ainda era o início, elas tinham nome, sobrenome, RG e história. No nosso país mais um agravante para tamanha sensibilização, ela chegava de avião e atingia a classe média, que voa longe e desconhece a cotidiana tragédia. Desconhecida e sem tratamento tratava

a todos do mesmo jeito, rico e pobre! Mas a ciência avança e são descobertos meios de atenuar sua força: posição certa para posicionar o enfermo, uso de respirador, uma dose de fé, muita paciência, bastante tempo e, então, algumas mortes começaram a ser evitadas, apenas com técnicas e leitos. Por outro lado, na periferia, as mortes aumentavam e o número de casos explodiu, mas como sempre, lá as histórias viram números e um amontoado de casos isolados.

Agora era a economia que precisaria de remédios, como se fosse humana, apareceu machucada e isso significa menos dinheiro circulando e menos lucro para as empresas e investidores, daí a pressão aumenta, o remédio: não pagar os trabalhadores! Deixá-los à própria sorte, mas fique em casa, para não distribuir essa doença! Fique em casa, mas se precisar trabalhar, use máscara e reze, são as recomendações dos governos e dos patrões.

Agora podemos voltar, 1000 morrem diariamente mas são apenas números. O importante é que na Itália e na Berrini a contaminação e as mortes quase sumiram, já não é mais uma ameaça se quem importa está bem! Que comecem os jogos!

[3]

Luth

NUTRILEITURA

OUTUBRO ROSA: O PODER DOS ALIMENTOS FUNCIONAIS



Olá caro aluno/servidor, tudo bem? Nesta minha primeira participação aqui no jornal gostaria de falar sobre a relação da alimentação e a prevenção de doenças, tema muito relevante quando falamos, por exemplo, sobre a prevenção do câncer de mama do mês de outubro, a campanha “Outubro Rosa”, pois estima-se que 80 a 90% dos tipos de câncer existentes estejam relacionados a fatores ambientais, e que desse número 35% estão relacionadas a DIETA INADEQUADA! Por isso, mais do que nunca, mulheres e homens devem cuidar da saúde, permanecer em seu peso saudável, melhorar sua alimentação e consumir os chamados “ALIMENTOS FUNCIONAIS” que podem ser definidos como Alimentos que se consumidos regularmente estando aliados a alimentação saudável e a prática regular de atividade física previnem doenças. Alguns exemplos confirmados cientificamente e o composto orgânico responsável pelo efeito:

- Leguminosas, como o feijão, va-

gem e principalmente soja: as ISO-FLAVONAS presentes atuam na redução das enzimas carcinogênicas;

- Uva, suco de uva integral e chá verde: suas CATEQUINAS possuem atividade antioxidante, agindo para a redução do risco doença cardiovascular;
- Frutas e vegetais alaranjados e verde-escuros, ex: mamão, melão, cenoura, espinafre, abóbora, brócolis: o pigmento CAROTENOIDE que confere a cor também atua com atividade antioxidante e anticancerígena.

Gostaram da dica? Que tal aderir à ideia de prevenir pra não remediar? Use e abuse dos alimentos funcionais, mas, atenção! Converse com uma nutricionista de sua confiança e/ou pesquise de fontes confiáveis como artigos científicos e livros a veracidade dessas informações e a quantidade indicada para você! Até a próxima!

[4]

Letícia Pupin Soldi
Nutricionista da CAE
IFSP Campus Suzano/SP

CONTA PRA MIM: INÉRCIA

- E o que vai fazer agora?

- Como assim? Vou continuar, pai, é o que há para fazer, não é?

- Não é. Mas eu já esperava isso - meu pai fazia questão de esboçar o desgosto - a morte devia nos fazer repensar a vida, Breno.

O silêncio do carro me fez pensar nela, minha mãe, me sentia desolado, ela nem sequer esperou eu chegar, depois de tudo, não teve a coragem de viver para me ver mais uma vez.

- E sua família?
- A minha esposa e filhos estão na casa da mãe dela.
- É uma boa moça essa que você se casou. Pena que você não a ama.

Mas é claro que eu amo! O que daria a entender que não? Nunca... É óbvio que a amava.

- Como pode dizer isso para o próprio filho, velho?

Antes, quando era jovem, tinha medo do meu pai; um homem grande e forte, agora reduzido a isso, um poço de arrependimentos corcunda, uma relíquia.

- Você ainda pode ser feliz, sempre pôde!

E, então, o silêncio voltou no

carro. “Você ainda pode ser feliz”, era de se rir. Como? Será que ele sabia? É claro, aquela criaturazinha repugnante sempre soube, mas não foi a ele que dei todo meu tempo, foi a ela. Você sabe o que é ouvir: “você não será uma outra decepção a mim, será? Se sim, eu não vou aguentar”, de uma pessoa que ama? Esse é um peso que ninguém devia carregar. Eu dei toda a minha vida para minha mãe, tudo que eu tinha para não ser uma decepção; e agora ela me deixa aqui sozinho para arcar com as consequências, nem de me encarar teve coragem.

- Você tinha um amigo quando era novo, um bom rapaz. Qual foi seu fim?
- O silêncio o incomoda? Não consegue ficar quieto.
- Não, não é o silêncio que me incomoda. Fale, ainda mantém contato com ele?
- Quem? O Júlio, não. Não falo com ele desde...
- Imaginava... Vocês chegaram a... dormir juntos?
- É isso, então! Claro que é, você só quer saber se seu filho já foi viadinho?

Uma última humilhação, é isso.

- Olha o que fizemos com você...
- NÃO-PRECI-DE-SUA-PENA - meu desejo era...

Silêncio reinou de novo. Estava ficando frio.

- Posso ligar o ar quente, Breno?
- Não, a bateria do carro está quase no fim. Além do mais, está ótimo para mim. Os velhos que sentem frio mesmo, é a morte chegando.
- Talvez... Mas quando a morte está chegando, aprendemos coisas. Deveria ouvi-lás.
- Ah não!- dei uma gargalhada.
- Você vai dar uma de sábio? Logo você? O homem mais vazio do universo.
- Tem razão. Eu fui um homem vazio, sempre pra frente, seguindo a correnteza, sem questionar, sem viver, sem ser feliz. Estava em estado inércia, estou ainda, bem sei. Quer acabar assim?
- Ah, pare com isso.
- Ainda há salvação para você... Seja feliz, porque sei que não é... sei disso, vejo nos seus olhos...
- NÃO, PAI, PARE!

- Seja feliz, meu filho. E por favor, perdoe-me e sua mãe, nos desculpe.

Nós dois chorávamos por motivos diferentes, ele porque queria ouvir um “eu te perdoo” para morrer em paz, e eu porque simplesmente não podia ouvir um pedido de desculpas. Só sei que parei o carro no acostamento. Juro que ali eu tive vontade de... Respirei.

- Sai do carro.

Sai do carro agora! Ele olhou para mim, pena. Era isso que ele sentia. Como ele podia ser tão cruel de me falar isso agora? Mas saiu. Eu acelerei no momento em que se retirou, quase levei sua perna junto. E ali o deixei no escuro, esquecido. Nunca o odiei mais do que naquele momento, mas o ódio de mim mesmo superava. Agora eu precisaria encontrar outra coisa para jogar a culpa de toda minha infelicidade; minha família é claro. Continuei vivendo uma vida que não era minha.

[5]

Zerin Corta Tudo

ARTE

Já faz um tempo que eu queria falar de arte e literatura e minha primeira ideia era fazer umas resenhas, mas, quando sentei pra escrever, não saiu nada; não queria falar o porquê determinada coisa era boa ou ruim ou mais ou menos, até mesmo porque eu gosto de tudo e não teria lá muito critério. Então pensei em falar de coisas mais específicas como conceitos que determinadas obras artísticas trazem, sem buscar esgotar o assunto ou apresentar uma verdade. Apenas contribuir com meu ponto de vista, sem nenhuma pretensão a mais.

Refletindo um pouco mais, percebi que os filmes, livros, pinturas e séries que mais me atraíam eram os que apresentam temas universais, aqueles a partir dos quais não importa se você é da Indonésia ou do Leste Europeu, pois, de alguma forma, por meio das obras, tem-se contato com temas que perpassam culturas. Esses temas seriam, por exemplo, a necessidade de pertencer a um coletivo em contraste com a necessidade de se reconhecer como indivíduo; o porquê de o tempo, às vezes, parecer passar de maneira diferente; a solidão em meio à sociedade... ou seja, coisas essencialmente humanas. E então concluí: é isso. Quero falar sobre temas essencialmente humanos.

E realmente é isso, falar das obras em um tom despretensioso, refletir sobre dilemas e pensamentos até certo ponto universais, sem uma necessidade de concluir algo ou apresentar alguma solução, afinal, se a humanidade inteira vive esses dilemas, há muito tempo, não vai ser um jovem de dezesseis anos, em quatro ou cinco parágrafos, que poderá propor à solução de algo.

Vou dar um exemplo rápido: A Metamorfose, uma novela daquele escritor alemão, Franz Kafka. Trata-se, resumidamente, de um homem, Gregor Samsa, que, um belo dia, sem

explicação alguma, acorda metamorfoseado em um inseto monstruoso. Sua família entra em colapso, afinal ele era o único provedor da casa. No decorrer da novela, ele vai se tornando um enorme peso morto para a família e, quando ele finalmente falece, ainda na forma de inseto, aquela família age como se pudesse ter alguma esperança de dias melhores. É claro que a narrativa pode ser só sobre um cara normal, com uma família normal e um emprego normal que, em um dia, acorda e descobre que é uma barata gigante, mas pensar que pessoas até então próximas a você passam a não mais saber como lidar com você, pois determinada característica sua as desconcerta, é evidente algo que provoca sofrimento. Gregor sofre porque as pessoas ao redor dele não sabem lidar com ele, o escondem como uma vergonha, e aí vocês me falam “mas ele é um monstro, praticamente um bicho, é compreensível”, e aí eu lhes convido a trocar o “monstro, praticamente um bicho” por “diferente”. É claro que o caso de Gregor Samsa é um extremo, mas ainda hoje há pessoas que são excluídas de determinados aspectos da vida social e seus benefícios por serem como são.

Bem, depois disso, imagino que vocês entenderam minha ideia. Quero refletir não sobre obras como numa crítica, quero refletir sobre seus temas, relacioná-los com outros temas e outras obras e tentar ampliar um pouco minha compreensão sobre esse mundo enorme e, quem sabe, no caminho, contribuir para que algumas pessoas façam o mesmo. Espero contar com você, leitor, para me acompanhar neste percurso cheio desses tais dilemas essencialmente humanos.

[6]

Clebson
1º automação integrado
IFSP - Campus Suzano

MUNDO DOS ESPORTES DE VOLTA ÀS ATIVIDADES



E não é que o campeonato brasileiro retornou mesmo com o elevado número de mortes diárias ocasionada pela doença que pôs o mundo em quarentena? Os números mantêm uma certa estabilidade, é fato, mas segue em um patamar elevado e só mais recentemente tem apresentado indicativo de alguma queda. Mas para a urgência dos patrocinadores, o esporte não pode parar!

Por mais estranho que possa parecer, o campeonato brasileiro teve um time que não pôde entrar em campo por conta de um surto com 14 infectados, como esse surto foi detectado em cima da hora da partida, ela foi suspensa.

Já na 12ª rodada o Flamengo tentou suspender a partida contra o Palmeiras, porque o elenco viajou por vontade da CONMEBOL, apesar de todas as limitações de circulação impostas pelos mais diferentes países na tentativa de conter a doença, e foi até o Equador, onde há poucos meses, corpos eram encontrados jogados na rua por conta da incapacidade do sistema funerário de dar conta de tantas mortes provocadas pela doença e desrespeitando protocolos de saúde registrou um surto de 41 infectados da sua delegação nessa viagem.

A ironia desse surto é que na rodada seguinte já estava programada a volta dos torcedores aos estádios em partida do próprio clube, a liberação havia sido feita pela prefeitura de Crivella. Os outros 19 clubes do campeonato barraram essa liberação, atuando em causas próprias, optaram por liberar a torcida apenas quando to-

das as cidades-cede tivessem condição de assegurar esse retorno.

No mundo vimos muitas organizações optarem pelo retorno das disputas, na grande maioria dos casos com protocolos bem rígidos de isolamento as exceções foram as competições que ignoraram os protocolos ou tiveram tanta exposição quanto os times brasileiros e sulameriicanos.

A UEFA levou todos os finalistas para um país com estádios próximos, o que diminui grandes deslocamentos, algo semelhante ao que ocorreu na NBA que promoveu as partidas em sua bolha na Disney World em Orlando (evitando contato com pessoas externas ao evento) e que teve como resultado o total de ZERO infectados ao final da liga e o US Open, que de modo semelhante, promoveu uma bolha para os protagonistas do espetáculo chegando a afastar atletas que furaram essa bolha e pessoas que tiveram contato com esse atleta.

Vendo esse cenário e a tentativa das organizações em trazer o público para o espetáculo através de telões que projetam imagens de aplicativos de teleconferência ficam algumas perguntas: em momentos de resguardo, qual o sentido de promover eventos sem público? NBA, UEFA e US Open adotaram medidas humanitárias de proteção à vida ou apenas protegeram seu maior capital os atletas? Será, que como diz a música, o espetáculo não pode mesmo parar?

[7]

Vitor Panza & Luth
IFSP - Campus Suzano



(IN)FEXÕES SOBRE O CORPO

PROMOÇÃO DA SAÚDE E MÍDIA

Todos os dias a mídia apresenta informações e orientações sobre atividade física e nutrição, os prejuízos do sedentarismo e da má alimentação. Apesar desta importante contribuição, grande parte da população é sedentária e obesa. Sabemos o que fazer e não fazemos, portanto, o único culpado somos nós, correto? Não! Há um problema nos discursos apresentados nas mídias. O problema não está no que eles “falam” e sim naquilo que omitem. Os discursos seguem um modelo de promoção da saúde que desconsidera o contexto econômico, cultural, político e social que compõe a vida do indivíduo, fazendo-o sentir o único culpado por sua má qualidade de vida. “Querer” é o primeiro e importante passo para se alcançar um ob-

jetivo, mas, só “querer” não basta.

Um estilo de vida ativo e saudável envolve custos, moradia, orientação sistemática e profissional, equipamentos, tempo disponível, horários, espaços adequados, segurança, viabilidade da participação, entre outros.

Estudiosos apontam que a saúde e o bem estar têm origem no próprio comportamento individual, resultante tanto da informação e vontade da pessoa, mas também das oportunidades e barreiras presentes na realidade social e também que a promoção da saúde num conceito ampliado envolve temas como a participação social, o conhecimento popular nas atividades que podem ser dirigidas à transformação dos comportamentos dos indivíduos ou naquelas voltadas ao cole-

tivo e ao ambiente e o empoderamento pela aquisição de poder técnico e consciência política para atuar na direção de assuntos de saúde por intermédio da capacitação popular.

A promoção da saúde depende também do coletivo. Isso a mídia não mostra.

[8]

André Minuzzo
Professor de Educação Física
IFSP - Campus Suzano



EXTENSÃO MAPOTECA

O isolamento social nos mostrou uma realidade que a maioria de nós costumávamos ignorar, tal realidade mostra que as desigualdades sociais no Brasil estão longe de serem resolvidas. Enquanto alguns podem ficar seguros em suas casas, muitos outros nem casa tem, ou pior, cerca de 222 mil brasileiros estão em situação de rua. Com a pandemia do coronavírus, vimos os preços de produtos básicos subirem cada vez mais e, assim cada vez menos pessoas conseguem colocar comida em suas mesas. Ainda que o governo tenha disponibilizado o auxílio emergencial, mais de 10 milhões de pessoas não foram alcançadas. Além de que, aproximadamente 32 milhões de pessoas não possuem renda algu-

ma desde o início da pandemia. Há também a questão do saneamento básico, cerca de 17% da população brasileira não tem acesso a este serviço, mesmo que este direito esteja assegurado na Constituição Federal. Ao abordar o tema de geografia da saúde em nosso Instagram (@mapoteca_ifsp Suzano) conseguimos perceber que os planos de retomada pós covid-19 podem estar atreladas aos interesses da classe dominante, já que o pico nas classes altas já passou e agora a preocupação é nas favelas, deixando ainda mais evidente as desigualdades sociais no país.

Flávia
3º Automação Industrial Integrado
Kamilly
2º Química Integrado
IFSP - Campus Suzano



Foto: Roberto Moreyra/ Agência O Globo. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/circulacao-para-trabalho-inclusive-servicos-essenciais-explica-concentracao-de-casos-de-covid-19/>

FAKE NEWS

Não é novo o saber de que existem profissionais especializados em divulgar notícias falsas, mas, em 2016, um nome virou moda: fake news. Nem vou falar que, junto do nome, também veio à moda angariar votos para candidatos à presidência por meio dessas notícias, que, aliás, nem deveriam ser chamadas assim, pois este termo já se remete ao que é verdadeiro. Quem não recebeu do “tiozão do zap” uma mensagem dizendo que chá de jambu imuniza contra a COVID-19? E que a pandemia é invenção dos chineses para exportar máscaras? Absurdo, né? Um dos motivos para a falta de controle da famosa curva da pandemia é, exatamente, a disseminação dessas informações que, muitas vezes, são criadas para promover uma página ou uma empresa. O vírus das fake news está descontrolado, mas a cura está bem embaixo dos nossos narizes: divulgação científica. Nunca houve momento no qual o saber científico foi tão importante à sociedade, por isso, pesquisadores de todo o mundo estão trabalhando em ações de divulgação de dados reais sobre a COVID-19, e de fact-checking,

que é a publicação de esclarecimentos sobre notícias que correm nos mecanismos digitais. Se esse escritor tem uma página a recomendar? Claro! Tem duas! A primeira é “Observatório COVID-19 BR”, que se trata de uma colaboração de vários cientistas de áreas como biologia, física e matemática. A segunda recomendação é uma referência na área do fact-checking no Brasil: a “Agência Lupa”. Essa agência já fez esclarecimentos sobre várias notícias durante a pandemia. Entre elas, a de que máscaras caseiras não protegem contra a COVID-19: Fake news na certa! O uso de máscaras é essencial ao sair de casa e, de acordo com o Ministério da Saúde, as caseiras que têm a partir de duas camadas de tecido também são eficazes. Sempre verifique as fontes das notícias antes de publicá-las. Se vierem sem fontes, é só dar um Google. E tome cuidado, pois alguns sites de fake news utilizam layouts parecidos com os de sites famosos e confiáveis!

[9]

Pedro Murilo
3º Automação Industrial Integrado
IFSP - Campus Suzano

O VOGUING DANCE

O “Voguing Dance” é um estilo de dança de extrema importância para a comunidade LGBTQ+ e tornou-se mais que uma forma de expressão, mas uma forma de empoderamento e resistência. Esse estilo de dança foi inspirado na famosa linha de revistas de moda “Vogue”, que consiste em “imitar” as poses das fotos das modelos, sendo assim as mãos e os braços são muito utilizados como vocês podem ver na imagem. O “Voguing Dance” surgiu na década de 80 em Nova York nos chamados “ball-rooms”. Os ball-rooms eram espaços desenvolvidos e frequentados pela comunidade LGBTQ+, principalmente negra e latina, que desde aquela época eram marginalizadas. Essas lugares significavam muito para aquelas pessoas, pois eram onde conseguiam se autodescobrir e se sentir aceitos. Lá, ocorriam disputas entre as casas, “Houses”, que envolviam desfiles, números diversos e, dentre eles, o “Voguing”. Ali, eles tinham de “vogar” como se jogassem um “shade”, ou uma provocação em dança para seu adversário; os jurados avaliavam a performance e a “House” com melhores notas obtinha grande reconhecimento dentro dos bailes. O “Voguing”, por ter o objetivo de apresentar todo o glamour e riqueza que algumas pessoas desejam mostrar nesses bailes, passa a ser não uma simples dança com alguns movimentos, mas sim uma forma de empoderamento e de expressão da própria voz como forma de resistência para as comunidades LGBTQ+.



Bailarino performa coreografia do “Voguing Dance”. Blog de Flávia Pereira. Imagem liberada para fins didáticos e acadêmicos. Disponível: <http://flaviapereira.com/vogue-muito-alem-da-pose/>

Com o tempo, esse estilo de dança emergente chegou aos olhos de pessoas famosas como Madonna, por exemplo, e alcançou o mainstream através de seu famoso clipe “Vogue”, levando o nome da dança e apresentando-a para um grande público. O problema desse tipo de divulgação feita por artistas da indústria cultural como Madonna, é o apagamento da contribuição da comunidade LGBTQ+ negra e latina, pois ao ver o vídeo, muitas pessoas acabam associando o voguing à Madonna, e não ao seu contexto de origem. Como outros estilos de dança, o voguing foi mudando e inserindo novos movimentos com o tempo. Hoje há dois estilos diferentes de voguing: o primeiro é o “Old way” (início dos anos 80), e o segundo o “New Way” (fim dos anos 80 em

diante). A vertente “Old Way” baseia-se em movimentos um pouco mais parados transitando de um ao outro. O “New Way” também utiliza esses movimentos com o acréscimo de alguns passos mais articulados, como aberturas, catwalks, entre outros. Assim, é importante ressaltar que o “Voguing Dance” vai além de um mero estilo de dança, porque é também um movimento significativo para o reconhecimento da comunidade LGBTQ+. Caso você tenha gostado muito desse assunto, deixo como indicação a série “Pose”, com sua primeira temporada disponível na Netflix, e também indico o meu vídeo no Instagram:

<https://www.instagram.com/tv/CADHQdFILnH/?igshid=kwy8ahoulouxo>



[10]

Arthur Carvalho
IFSP - Campus Suzan

FILOSOFIA NASCEU NA GRÉCIA?

No primeiro debate de filosofia proposto pelo professora Fernanda Salgueiro e realizado pela turma do 1º ano em automação integrado foi sobre: “A filosofia nasceu na Grécia?”. É um tema com várias teorias que divide opiniões. Mas se realmente a filosofia nasceu na Grécia, a partir de quais elementos chegou-se a essa conclusão?

Os alunos Cleberson Victor Vieira Pinto, Yago Léo Sales e Maria Luiza Homan Lemos dizem “Os egípcios, que influenciaram Tales, também tentavam ver o mundo pela lente do lógos, mas estes davam à razão utilidades mais práticas, deixando de lado a reflexão, uma importante parte da filosofia”. Além dessa influência “[...] A filosofia é filha da pólis”, e a pólis é fruto dos gregos. Um lugar onde se tem a liberdade de expressão, assim como o debate com base na razão que faz parte do jogo político e que, certamente, incentivava seus cidadãos a questionar e refletir sobre ideias” e ainda há duas questões que para eles são indicações que a filosofia nasceu na Grécia, elas são “terra ruim de plantio e os excelentes portos naturais incentivando o comércio marítimo”. Isso devido ao desenvolvimento de teorias com explicações racionais (prática de observação).

Já as alunas Emyli Kethelin, Fernanda de Oliveira e Giovanna Lima

discordam. Para elas a filosofia sempre coexistiu nos seres humanos e ter sido registrada pela primeira vez na Grécia não significa que nasceu lá. “...Um fato interessante é que a filosofia se iniciou, pode-se dizer, ao mesmo tempo na Índia, China e Ásia Menor, porém há algo que nos chama a atenção...” A diferença é que cada uma tinha uma “intenção filosófica” - motivo, por exemplo: “Na Índia, o motivo filosófico era inteiramente voltado para a religião. Na China, voltava-se totalmente para o lado social, enquanto na Ásia Menor, os primeiros filósofos buscavam respostas para: como as coisas tinham surgido, e, assim, nascia a filosofia cosmológica”. Além disso, Emyli acredita que os conceitos filosóficos são universais, sendo assim, o significado de “filosofia” pode ser diferente em cada cultura (resignificação de conceitos).

O aluno Thiago Henrique tem dúvidas para chegar a uma conclusão definitiva se a filosofia realmente nasceu na Grécia. Para ele “[...] A filosofia é a busca de respostas através da racionalidade sobre tudo que envolve nós, seres humanos, com o mundo em que vivemos e no que acreditamos[...]”. De acordo com sua pesquisa sobre o assunto se embasou no livro “O legado roubado” de George G.M. James “[...] O surgimento da filoso-

fia pode ou não ser mérito do povo grego. E por que eu cheguei nessa conclusão? Porque simplesmente alguns dos maiores filósofos gregos viajaram para o Egito e não se pode negar que voltaram com mais conhecimento, um grande exemplo é Pitágoras... O Egito Antigo tinha muitas restrições em passar conhecimentos e justamente por isso, criaram um sistema chamado de Sistema de Mistérios Egípcios”. Esse sistema é explicado em um dos trechos desse livro “O termo filosofia grega, para começar, é um completo equívoco, pois não existe tal filosofia. Os antigos egípcios desenvolveram um sistema religioso muito complexo, chamado Mistérios, que também foi o primeiro sistema que contemplava a salvação”. Outro ponto destacado é que na permanência de Alexandre, O Grande no Egito, teve seus ensinamentos na adolescência com o grande filósofo Aristóteles, e isso possibilitou para Aristóteles o acesso aos livros antigos nas bibliotecas e templos dos egípcios. Um grande erro é olhar só para um lado da moeda, pois não há manuscritos da época suficientes para provar que o Egito Antigo teve maiores influências na filosofia grega”.

[11]

Camilly Vitória,
1º de Química Integrado
IFSP - Campus Suzano

DICAS DE INGLÊS

Hi!

Aprender inglês é essencial e pode abrir muitas portas, não só no mercado de trabalho, mas na vida pessoal.

Nessa sessão, você encontrará algumas dicas para aprender o idioma de forma efetiva:

- Pratique habilidades (skills): listening (escuta), writing (escrita), speaking (fala) e reading (leitura).
- Utilize métodos específicos para aprendizado de idiomas. Ex: golden list, apps, etc.
- Escolha o tipo de material de estudos. Ex: vídeos, livros, podcasts, etc.
- A consistência é extremamente importante: Tenha contato com o idioma todos os dias.
- Crie metas semanais ou mensais: você se desafiará e, por consequência, focará mais naquele objetivo, o que torna mais fácil para aprimorar suas skills.

Have fun on your journey!
[12]

Camilly Vitória,
1º de Química Integrado
IFSP - Campus Suzano



OLÁ, LEITOR

Chamo-me Torta Merengue, mas mais conhecido como Senhor Torta Merengue. Eu sou um jovem morango de 24 anos de idade, e estou no último semestre do curso de Editoração na USP.

Assim como você, estive passeando pela passarela de colunas do Pasquif, meu grande amigo e camarada. Vi coisas sobre falta de empatia, inclusão, esportes e até literatura. Tivemos Conto Inércia, poema e um santo Inferno Astral. Se fosse para eu listar tudo, era melhor que eu doasse logo essa coluna.

Meu ponto é: toda essa falação sobre pandemia me fez lembrar dos tempos - duas semanas atrás - em que eu me encontrava conversando com meus caros amigos: Amora Deprimida e Maracujá Elétrico. Nós avaliávamos as possibilidades do Maracujá conseguir acertar mais de 60% do questionário se o fizesse nos últimos dez

minutos. E isso me fez pensar “Ora, estamos todos no mesmo barco!”.

O estudante de hoje - aquele que vive sob o regime totalitário do EaD - sofre de uma grave doença: preguiçite aguda. Ela, somada à procrastinação compulsiva, se tornou a grande ameaça a esse sistema. Pelo menos é o que dizem nos telejornais.

Do meu ponto de vista, deveríamos pensar muito mais nos cachorrinhos de estimação, tadinhos, que levam a culpa pela falta de concentração. Ou, ainda, a casa, que sempre é processada por ser mal equipada.

Realmente, leitor. Eu tenho é medo de imaginar qual vai ser a próxima demanda do camarada Pasquif. Quais serão os próximos shows de horror que me implorarão para revelar?

[13]

Senhor Torta Merengue
Mascote do Pasquif
O Pasquif

O AMOR

O amor, um sentimento carinhoso.

É a tonicidade de querer estar perto por vontade.

É sentir as borbulhas impelirem pela alma.

É um desejo mais que benquerença.



Luan Santos Ramos

2º de Automação Industrial Integrado

IFSP - Campus Suzano

O amor, um sentimento ardoroso.

É o formigar do interior.

É o fármaco da dor.

É a retificação do espírito.



O amor, um sentimento penetrante.

É outorgar sem ser abnegado.

O amor, é com certeza, um sentimento genuíno e transparente.



[14]

DICAS DE ESPANHOL

Hola, ¿qué tal?

O espanhol é o 4º idioma mais falado no mundo e é o 1º mais escolhido entre as universidades da Eurora e dos EUA. Além disso, é considerado o idioma mais rápido do mundo!

Com esses dados podemos perceber a importância dele, por isso aqui você verá uma lista de canais do YouTube que te ajudarão a aprender esse idioma:

Disfruta tus estudios!

- Espanhol para brasileiros
- Fluency tv - espanhol
- Vamos a hablar español
- ¡Hola! Clases de español
- Espanhol com séries
- 123 Espanhol

[15]

Camilly Vitória,
1º de Química Integrado
IFSP - Campus Suzano

POR QUE ESTUDAR... RAZÃO E PROPORÇÃO

Estudamos razão e proporção não apenas por ser um tema cobrado no ENEM ou outras provas, e sim, porque utilizamos no nosso dia a dia, muitas vezes sem perceber; nas refeições, medicamentos, arte, música, dentre outras.

Quando enfermeiros ministram os medicamentos é certo que usam a razão e proporção. A atenção na hora de distribuição de re-



médio tem de ser redobrada, visto que qualquer proporção maior ou menor recomendada poderá causar alguma reação ao paciente. Por exemplo, se em 5 ml houvesse 250 mg de um componente e o paciente precisa de uma dosagem de 100 mg. Quantos ml você, sendo um enfermeiro, precisa dar ao paciente?

[16]

Jéssica Cavitioli e Adrielly Paiva
1º Química Integrado
IFSP - Campus Suzano

